

arte moderna na metrópole

1947-1951 **Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo**

Instituto CPFL 13 de setembro a 10 de dezembro de 2022





Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura, CPFL Energia e Museu de Arte Moderna de São Paulo apresentam

arte moderna na metrópole

1947-1951 **Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo**

Curadoria
e textos **José Armando
Pereira da Silva**

13 de setembro
a 10 de dezembro
de 2022

patrocínio

parceria

apoio

realização



mam



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

O Museu de Arte Moderna de São Paulo é uma instituição acolhedora das iniciativas da sociedade civil organizada para artes visuais. Ao longo de mais de sete décadas o MAM recebeu doações de parceiros, indivíduos e empresas, construindo uma coleção de obras de arte que está sendo preservada com o objetivo de torná-la acessível para o maior número de pessoas possível.

Graças à sua programação, o MAM tem sido referência na interpretação da produção cultural brasileira, promovendo discussões e diálogos com diversos públicos. O Educativo do museu tem proporcionado experiências poéticas capazes de ampliar aspectos pedagógicos de difusão, inclusão e acessibilidade, reforçando a missão do MAM.

Arte moderna na metrópole: 1947-1951 – Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo apresenta um recorte sobre um conjunto de pinturas de paisagens que marcam a produção daquele período. A mostra evidencia o modo como o uso das cores, das pinceladas e das formas ocorreu no modernismo, compondo uma cultura do convívio cotidiano, de trocas entre os artistas e a sociedade.

Assim, a parceria com o Instituto CPFL consolida suas características comuns de incentivo à produção cultural e intelectual. Sua notória ação de colaboração com o MAM tem favorecido a realização de um museu mais dinâmico em suas ações, tornando-o plural e acessível. A colaboração mútua reforça a dedicação destas instituições para a cultura e a educação, estendendo para a comunidade de Campinas e ao Instituto CPFL a vivência com o acervo do MAM e suas iniciativas.

Elizabeth Machado

Presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo

Alguns acontecimentos marcaram o campo das artes na cidade de São Paulo entre os anos de 1947 e 1951. O período é marcado pelo funcionamento da Galeria Domus, iniciativa privada que esteve sintonizada tanto com o contexto mais geral das transformações do pós-guerra como com as particularidades da metrópole paulistana, que já contava com dois milhões de habitantes e fazia fervilhar diferentes iniciativas ligadas à arte. São desse período, por exemplo, a fundação do MAM, em 1948, e a realização da primeira Bienal, em 1951.

A exposição *Arte moderna na metrópole: 1947-1951 – Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo* nos permite ainda refletir hoje sobre os impactos que a Semana de Arte Moderna de 1922, cujo centenário estamos comemorando ao longo de 2022, causou nas artes. Pensar o contemporâneo exige de nós a convivência com nossa história, referências e heranças. É com essa postura que recebemos em nossa galeria de arte, em Campinas, a exposição que conta com obras do acervo do MAM. A seleção de 45 delas compreende, entre outros, trabalhos de Tarsila do Amaral, Victor Brecheret, Lívio Abramo, Sérgio Milliet, Bruno Giorgi e Alfredo Volpi.

A parceria com o MAM, uma das mais importantes instituições culturais do país, com quem já nos associamos em outras duas ocasiões para trazer recortes do acervo do museu a Campinas, é fruto de nosso trabalho de dezenove anos de existência como um importante agente de transformação cultural em nosso país. Acolher uma exposição como esta reforça nosso compromisso de mediar o encontro dos mais variados públicos com artistas que refletem o mundo, a história, a imaginação. E nos ajuda a iluminar e a enfrentar os impasses do mundo contemporâneo.



arte moderna na metrópole

1947-1951 **Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo**

Esta mostra, com obras do acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, faz um retrospecto de um momento importante no contexto artístico paulista, quando, na primeira metade do século XX, se estabeleceu a Galeria Domus, a primeira a oferecer espaço para a apresentação e comercialização de arte moderna em São Paulo. Traz um recorte de algumas exposições da galeria: sua exposição inaugural, a mostra organizada em prol da revista *Artes Plásticas*, a *Exposição de pintura paulista*, exibida no Rio de Janeiro, uma coletiva que reuniu Alfredo Volpi, Mário Zanini, Rebolo Gonsales e Paulo Rossi Osir e três exposições individuais, dos artistas Emídio de Souza, Raphael Galvez e Oswaldo Goeldi.¹

Com a abertura da Galeria Domus, o modernismo conquistava finalmente o “direito de cidadania”, segundo Sérgio Milliet, que lamentava que isso ocorresse com tamanho atraso. Na verdade, o romantismo *pompier* dos acadêmicos ainda encantava o público comprador de arte, ao qual não tinham chegado os apelos de Mário de Andrade, do próprio Sérgio Milliet, de Luís Martins e outros, avivando a importância dos modernistas e destacando a geração dos anos 1930.

Localizada no número 11 da rua Vieira de Carvalho, esquina com a praça da República, a galeria foi iniciativa do casal de imigrantes italianos Anna Maria e Pasquale Fiocca, e durante cinco anos suas atividades se sintonizam com o tempo de transformações do pós-guerra. Nesse período, o Brasil passava pelo processo de redemocratização e pela promulgação de uma nova constituição depois de quinze anos de governo de Getúlio Vargas. São Paulo se consolidava na condição de metrópole com 2 milhões de habitantes – ambiente propício para o surgimento de polos dinâmicos de teatro (o Teatro Brasileiro de Comédia e a Escola de Arte Dramática), cinema (a Vera Cruz e outras companhias), música (o Teatro Cultura Artística) e artes plásticas (o MASP, o MAM e a Bienal).

Nesse contexto, a programação da Domus vai ter receptividade por parte dos intelectuais comprometidos com a crítica de arte que atuavam na imprensa diária. Sérgio Milliet, Maria Eugênia Franco, Ciro Mendes e Lourival Gomes Machado como colaboradores de *O Estado de S. Paulo*, Quirino da Silva no *Diário da Noite*, Osório César na *Folha da Noite*, Ibiapaba Martins no *Correio Paulistano*, Geraldo Ferraz no Suplemento Literário do *Diário de São Paulo* e, eventualmente, Mário Pedrosa no *Correio da Manhã*, do Rio, todos faziam seus registros críticos das principais exposições.

¹ A pesquisa para esta exposição procurou identificar as obras com o máximo de precisão possível, a partir de catálogos e listas da Galeria Domus. Porém, é impossível confirmar que todas as obras selecionadas tenham passado pela galeria, pois nem sempre foi seguro identificá-las em razão de denominações genéricas (como “Paisagem”) e falta de referências precisas. Datas e denominações mais específicas possibilitaram a identificação de algumas obras, o que não exclui a possibilidade de que outras aqui apresentadas, mesmo anteriores a 1947, também tenham sido expostas na galeria.

Os planos da Domus, expressos no catálogo da exposição inaugural, eram ambiciosos: “Oferecer ao público uma série de exposições de artistas locais e estrangeiros contemporâneos, atividade esta que, além de ajudar uma visão completa da atual evolução estética mundial, dará possibilidade aos críticos e aos artistas de empreender ainda uma vez uma batalha polêmica consolidada na afirmação tida pela arte contemporânea em campo internacional.”

Sem chegar a “uma visão completa da atual evolução estética mundial”, o projeto se cumpriu satisfatoriamente em diversos aspectos. No total, foram 91 exposições, geralmente de curta duração (quinze dias ou até menos).

Três exposições intituladas *Pintura italiana moderna* trouxeram pintores do novecentos, sendo De Chirico a principal atração, além de outras que acolheram artistas estrangeiros de passagem pelo Brasil e imigrantes que aqui chegavam praticamente desconhecidos.

Coube também à Domus reabilitar os pintores nipo-brasileiros, vetados durante a guerra, com exposições de Tomoo Handa, Kaminagai e Yoshiya Takaoka, as primeiras individuais de Takeshi Suzuki e Shigeto Tanaka e a primeira mostra do Grupo Guanabara, que se reuniu em torno de Tikashi Fukushima.

Abrir espaço para estreantes foi outra política da Domus. Houve um caso de êxito comercial extraordinário, o de José Antônio da Silva, que se tornou uma estrela instantânea do mercado. O fenômeno não se repetiu com outro primitivo, Emídio de Souza, apesar do reconhecimento pela crítica.

Na programação de artistas atuantes em São Paulo se apresentaram Mick Carnicelli, Oswald de Andrade Filho, Raphael Galvez, Paulo Rossi Osir, Armando Balloni, Carlos Prado, Elizabeth Nobiling, Lívio Abramo, Flávio de Carvalho e os novos Ely Bueno, Anésia Pacheco e Chaves, Mario Gruber, Maria Leontina e Aldemir Martins. Do Rio vieram Milton Dacosta, Joaquim Tenreiro e Oswaldo Goeldi. Entre aqueles que mais foram expostos pela galeria, retornando em individuais, destacam-se Bonadei, Volpi, Di Cavalcanti, Graciano e Zanini. Representavam apostas comerciais e qualificavam o foco principal da Domus, voltado para artistas brasileiros ligados à Família Artística Paulista e ao Grupo Santa Helena.

Para Tadeu Chiarelli, “a poética dos artistas ligados aos grupos em questão negava qualquer sentido de ruptura nas artes – sendo, portanto, fundamentalmente antimodernos e antimodernistas –, em prol de uma ‘linha universal da pintura através do tempo’, preconizada, como foi dito, por Rossi Osir”.² Mas esse não era o sentimento dos artistas, que se consideravam modernos e as-

²Tadeu Chiarelli, O novecentos e a arte brasileira, in *Arte internacional brasileira*. São Paulo: Lemos Editorial, 1999, p. 78.

sim eram recebidos pela crítica. Parece mais apropriado compreendê-los sob a perspectiva de Annateresa Fabris sobre a arte brasileira da primeira metade do século XX, uma arte que “não é moderna no sentido europeu por não ter criado uma nova noção de espaço e por não ter abdicado do referente, mas é considerada localmente moderna pela erosão que vai promovendo da disciplina acadêmica e pelo grau de deformação que vai incorporando ao seu léxico”³.

Por ocasião da *Exposição de pintura paulista*, organizada pela Galeria Domus no Rio de Janeiro em 1949, Mário Pedrosa lamentou “a ausência de preocupações poéticas mais audaciosas”. O conjunto realmente não podia ser visto na perspectiva de novas linguagens que se anunciavam, mas, antes, considerado um evento consagrador da ideologia figurativa – o fim de um ciclo.

O debate figuração *versus* abstração entrava na ordem do dia. O último ano de funcionamento da galeria coincide com a abertura da 1ª Bienal de São Paulo e, apesar dos focos de resistência, o sentido de inovação chega a Bonadei e Volpi, que transitam para a pintura abstrata de forma coerente e original. Assim como toca a experiência brancusiana das pedras de Brecheret e alcança as telas de Wladyslaw, Flexor, Milton Dacosta e Maria Leontina.

Durante os anos de funcionamento da galeria, o movimento artístico ganhou novas instâncias com a instalação do Museu de Arte de São Paulo, dos Museus de Arte Moderna no Rio e em São Paulo, da Bienal e dos Salões Paulista e Nacional de Arte Moderna. O panorama se diversificou com novas tendências. Esse dinamismo, que elevava alguns artistas da Domus a um nicho histórico, conduzia outros para o foco de debates.

Mesmo com cuidadosa divulgação e uma rede de relacionamentos construída no meio artístico e social que despertou o interesse colecionista – estavam entre seus compradores Ciccilo Matarazzo, Ernesto Wolff e Carlo Tamagni –, a Galeria não chegou a um volume de vendas sustentável. Nem todos os artistas aderiam a esse canal de comercialização. Sem fluxo financeiro para garantir a atividade, os Fiocca decidem fechar a Galeria no início de 1952. O fato gerou desconsolo no meio cultural, expresso na imprensa e por amigos, como Murilo Mendes, que se manifestou ao casal em carta: “Conhecemos a tradição que fizeram, de generosidade e acolhimento, não só aos artistas propriamente ditos, como a todos que se interessam pelas causas do espírito. Mas essa tradição não morrerá, pois sabemos que são portadores da chama do entusiasmo.”

³ Annateresa Fabris, *Modernismo, nacionalismo e engajamento*, in Aguilar, Nelson (org.). *Bienal Brasil século XX*. São Paulo: Fundação Bienal, 1994, p. 82.



Interior da Galeria Domus, vendo-se ao fundo: pessoa não identificada, Anna Maria Fiocca, Rebolo Gonsales e Pasquale Fiocca

exposições realizadas na Galeria Domus

1947

Exposição inaugural; Pintores italianos modernos; Senhoras de pintores conhecidos; Escolas flamenga e italiana (séculos XVI a XVIII); Roger van Rogger; Emiliano Di Cavalcanti; Bella Karawaewa; Franco Gentilini; Alfredo Volpi; Mick Carnicelli; Lisa Ficker Hofmann; De Chirico, De Pisis e Cristofanelli; Gaetano Miani; Belisário de Souza, Di Prete e outros; Aldo Bonadei; Pintores húngaros e franceses.

1948

Rebolo, Zanini, Volpi e Sérgio Milliet; Arte moderna italiana; Walter Lewy e Bassano Vaccharini; Takeshi Suzuki; Yoshiya Takaoka; Elisabeth Nobile; José Antônio da Silva; Tomoo Handa; Jesekiel David Kirszenbaum; Aldemir, Camerini e Gruber; 67 artistas em prol da revista *Artes Plásticas*; Maria Cecília Nébias Baello; Julia Rogger; Oswald de Andrade Filho; Arthur Kaufmann; Samson Flexor; Isa Alexandra Giorgi; Victor Brecheret; Lisa Ficker, Duja Gross e Alice Brill.

1949

Gaetano Miani; Emídio de Souza; Luciano Gregory e Guido Mosca; Gerda Brentani; Raphael Galvez; Clóvis Graciano; Tadashi Kaminagai; Armando Balloni; Exposição feminina de arte; Exposição de pintura paulista; Carlos Prado; Takeshi Suzuki; Aldo Bonadei; Else Saft-Theilheimer; Walter Shigeto Tanaka; Ray Borel; Joaquim Tenreiro; Hilda Goltz; Elisabeth Nobile; Aldo Bonadei; Gravuras da Escola de Paris.

1950

Volpi, Rebolo, Zanini e Paulo Rossi Osir; Ray Borel; Maria Leontina; Takeshi Suzuki; Liuba; Samson Flexor; Germana de Angelis; Grupo Guanabara; Darwin Silveira Pereira; Charitas Brandt; Gaetano Miani; Franco Sacchi; Gravuras japonesas; Antonio Botto; José Antônio da Silva; Elisabeth Nobile; Mima von Jonquieres.

1951

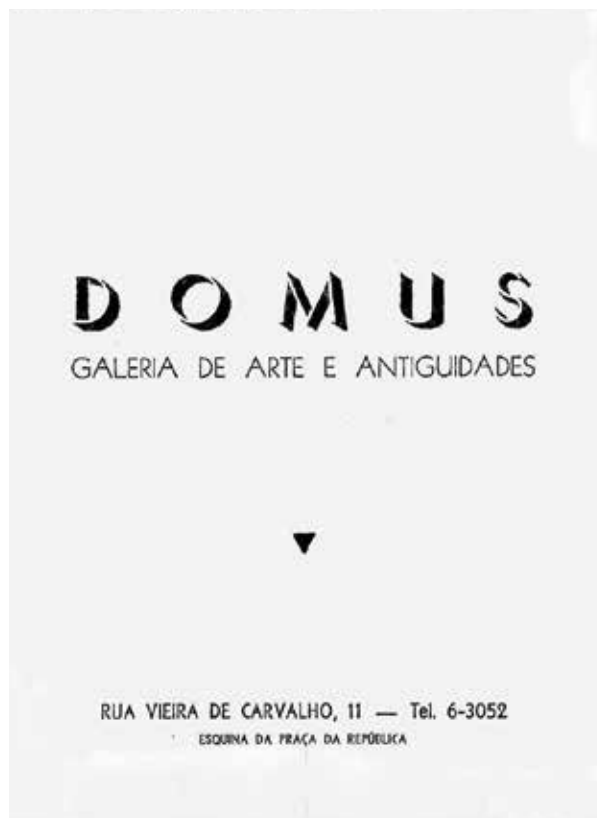
Gastone Novelli; Ely Bueno e Anésia Pacheco e Chaves; Paolo Rissone; Gaetano Miani; Anatol Wladyslaw; Pintura e escultura da União da África do Sul, Congo e Rodésia; Emiliano Di Cavalcanti; Clóvis Graciano; Milton Dacosta; Ilona Kirohji; Lívio Abramo; Aldo Bonadei; Robert Tatin; Frans Krajcberg; Flávio de Carvalho; Elisabeth Nobile; Oswaldo Goeldi; Maria Leontina.



**exposições
coletivas**

exposição inaugural

5 a 18 de
fevereiro de 1947



Artistas participantes Aldo Bonadei, Alfredo Volpi, Bassano Vacarini, Bruno Giorgi, Clóvis Graciano, Elisabeth Nobile, Emiliano Di Cavalcanti, Enrico Camerini, Ernesto di Fiori, Flávio de Carvalho, Francisco Rebolo Gonsales, Lívio Abramo, Mário Zanini, Mick Carnicelli, Tarsila do Amaral, Victor Brecheret, Waldemar Cordeiro, Walter Levy.

“Estamos positivamente numa nova era. Uma era que se caracteriza por uma nova atitude diante da arte. Já não se discute o direito de ser moderno, nem se insiste mais em considerar como incapacidade profissional o fato de o pintor não copiar a realidade. Discute-se apenas a qualidade da pintura. É a vitória que a abertura de galerias dedicadas aos modernistas vem confirmar.”

Sérgio Milliet na apresentação do catálogo da exposição

Reprodução da capa do
catálogo da exposição
inaugural

Tarsila do Amaral

Sua presença na exposição inaugural da Domus era fato para ser comemorado num período de pouca evidência, quando seus quadros, incluindo os da fase antropofágica, se acumulavam em seu ateliê, ignorados pelo mercado. Sua última individual havia sido em 1936. Ela retornaria na mostra em prol da revista *Artes Plásticas*, mas não compareceu à *Exposição de pintura paulista*, levada ao Rio em 1949, o que foi considerado uma séria lacuna. A resenha de Osório César (*Folha da Noite*, 12 de fevereiro de 1947) sobre a exposição inaugural nota a ligação de sua obra com movimentos históricos do modernismo: “Nela figuram dois ótimos quadros de Tarsila, destacando-se *Santa Irapitinga do Segredo*, que é uma volta de sua pintura à fase chamada Pau-Brasil.”



Paisagem, 1948

Óleo sobre tela colada sobre papelão



Onça, 1930

Granito

Victor Brecheret

Como se podia perceber nos trabalhos apresentados na exposição aberta de 18 de novembro a 11 de dezembro de 1948, Brecheret era sempre aberto a diversos estímulos, incluindo pedras roladas pelo mar, acolhendo e transfigurando o trabalho da natureza em atitude radical, brancusiana. Mas também apresentava antigos bronzes, retratos em terracota e bronze, temas religiosos e temas nosos. Ou seja, se unidade de estilo era um problema, ele o levou até o fim sem solução.

Emiliano Di Cavalcanti

Uma exposição de Di Cavalcanti era sempre um acontecimento e trazia prestígio para uma nova galeria como a Domus. Ele se apresentou em duas individuais: em maio de 1947 e em maio de 1951, além da participação nas coletivas de inauguração e na *Exposição de pintura paulista*, no Rio. Luís Martins (*Diário de São Paulo*, 18 de maio de 1947) diagnosticou: “Um quadro seu não necessita assinatura, tão pessoal é a grafia de seu sólido e possante desenho, tão característico é o seu colorido, tão inconfundível, enfim, é o clima dicavalcantiano de sua arte.”

Peixe na praia, 1933
Óleo sobre tela



Cabeça de Volpi, 1942
Bronze

Bruno Giorgi

Sua escultura *Cabeça de Volpi* era um dos destaques da exposição inaugural da Domus, segundo a crítica de *O Estado de S. Paulo* (14 de fevereiro de 1947). Giorgi voltou à galeria para participar da exposição em prol da revista *Artes Plásticas*. Com formação internacional, tendo passado por Roma e Paris, onde estudou com Aristides Maillol, esteve próximo dos modernistas e integrou a Família Artística Paulista. Tais convivências lhe foram benéficas na medida em que proporcionaram opções temáticas brasileiras, incorporadas por avanços formais que alcançaram, nos anos 1960, a radical estilização em *Candangos* e a abstração em *Meteoro* – esculturas criadas para compor o projeto urbanístico e arquitetônico de Brasília.



Alfredo Volpi

Sua segunda exposição individual se deu na Domus, em julho de 1947. Além das coletivas de inauguração, da exposição em prol da revista *Artes Plásticas* e da *Exposição de pintura paulista*, no Rio, ele voltou à galeria outras duas vezes: em janeiro de 1948, ao lado de Rebolo, Zanini e Sérgio Milliet, e em fevereiro de 1950, com Rebolo, Zanini e Paulo Rossi Osir. A exposição de 1947 não teve o retorno esperado. Lamentando o fato, o crítico *Ciro Mendes* (*O Estado de S. Paulo*, 30 de julho de 1947), asseverou tratar-se “das mais sérias que temos visto nos últimos tempos”.

Mulata, 1927

Óleo sobre tela colada sobre madeira

Aldo Bonadei

O fato de a Domus ter organizado quatro mostras individuais de Aldo Bonadei indica a constância de sua relação com a galeria. Deve ser contada, ainda, sua participação na coletiva de inauguração, na exposição em prol da revista *Artes Plásticas* e na *Exposição de pintura paulista*, em 1949. Na primeira exposição, em novembro de 1947, era evidente a tensão entre figuração e abstração que atravessava sua obra. “Bonadei entrou num caminho onde a síntese da composição constitui sua maior vitória” – foi a percepção de Osório César (*Folha da Noite*, 2 de dezembro de 1947).

Paisagem de Itanhaém, 1943

Óleo sobre tela





Clóvis Graciano

Participou da exposição inaugural, da exposição em prol da revista *Artes Plásticas* e também da *Exposição de pintura paulista*. Sua individual, aberta de 6 a 22 de abril de 1949, comemorava o prêmio de viagem ao estrangeiro no Salão Nacional de Belas Artes. Ao retornar da Europa, dois anos depois, mostrou, de 18 de maio a 5 de junho de 1951, os resultados da viagem. Ele não havia mudado essencialmente, mas reconhecia-se um avanço. Quirino da Silva (*Diário da Noite*, 29 de maio de 1951) garantia: “Graciano deu um passo à frente, muito à frente, sem, contudo, se apegar aos ismos tão em moda, tão acomodadamente em moda.”

Paisagem, 1944

Óleo sobre tela

Mick Carnicelli

Em agosto de 1947 a Domus organizou a segunda exposição individual da carreira de Mick Carnicelli. A crítica de *O Estado de S. Paulo* (24 de agosto de 1947) sentiu aí o domínio de “um colorismo complexo e atormentado, embora, nem sempre convincente, onde o que mais impressiona é o arroubo e a segurança de mão”. O pintor, então com 53 anos, não retornou em mostra solo nos vinte anos seguintes. Ele havia sido um dos participantes na coletiva de inauguração da galeria e voltaria na exposição de pintura paulista realizada no Rio em 1949.

Autorretrato, 1944

Óleo sobre tela



Mário Zanini

Seu perfil discreto não obstruiu participações em várias atividades da Domus, desde a exposição inaugural. Voltaria em duas coletivas: em prol da revista *Artes Plásticas* e na *Exposição de pintura paulista*. Em grupos menores, reuniu-se com Volpi, Rebolo e Sérgio Milliet em 1948; e novamente com Volpi e Rebolo, mais Paulo Rossi Osir, em 1950, na exposição destinada a custear uma viagem à Europa, que viria a ser marcante em sua carreira. Os esboços que trazia na bagagem e sua produção posterior mostravam que ele tinha voltado diferente, avançando nas pesquisas de uma composição mais sintética, que se aproximava da abstração.



Trecho de *Lerici*, 1950
Óleo sobre tela

Francisco Rebolo Gonsales

Aproximou-se das atividades da Domus desde a exposição inaugural. Em 1948, estava também entre os líderes da iniciativa nascida na Galeria da exposição em prol da revista *Artes Plásticas*, assumindo a responsabilidade administrativa da publicação. Quando da *Exposição de pintura paulista*, no Rio de Janeiro, a originalidade de suas paisagens não passou despercebida. Compareceu a mais duas exposições da Galeria: em 1948, com Zanini, Volpi e Sérgio Milliet; e em 1950, com Zanini, Volpi e Paulo Rossi Osir, para subvencionar viagem do grupo à Europa. Rebolo, por fim, não os acompanhou.



Canindé, 1937
Óleo sobre papelão

67 artistas em prol da revista *Artes Plásticas*

16 a 31 de julho de 1948

Cada artista ofereceu uma obra ao preço fixo de mil cruzeiros para ser vendida em benefício da revista. *Artes Plásticas* entrou em circulação em agosto de 1948, dirigida por Ciro Mendes e contando na redação com Flávio Motta, Cláudio Abramo e Clóvis Graciano. Na administração, Rebolo Gonsales. Chegou apenas ao quarto número, correspondente a março-junho de 1949.

Reprodução da primeira página do nº 4 da revista *Artes Plásticas*



Artistas participantes

Aldemir Martins	Dedina	João Batista Ferri	Oswald de Andrade Filho
Aldo Bonadei	Eleonore Koch	Jorge Mori	Ovídio Romano
Alfredo Rizzotti	Elizabeth Nobiling	Lisa Ficker	Paulo Rossi Osir
Alfredo Volpi	Emiliano Di Cavalcanti	Lívio Abramo	Pola Rezende
Anatol Wladyslaw	Emílio Cordet	Lothar Charoux	Quirino da Silva
Anita Malfatti	Enrico Camerini	Lúcia Suané	Renzo Gori
Antônio Gomes	Eva Lieblich	Manoel Martins	Roger van Rogger
Antônio Marx	Flávio de Carvalho	Maria Cecília	Sérgio Milliet
Bassano Vaccarini	Flávio Motta	Nébias Baello	Tarsila do Amaral
Bernardino Souza Pereira	Francisco Rebolo Gonsales	Maria Leontina	Teiti Suzuki
Bruno Giorgi	Fúlvio Pennacchi	Mário Gruber	Tonisi
Carlos Thiré	Gaetano Miani	Mário Zanini	Vicente Carnicelli
Celina Guimarães	Gerda Brentani	Mick Carnicelli	Vicenzo Mecozzi
César Lacanna	Gianfranco Bonfanti	Moussia Pinto Alves	Victor Brecheret
Cláudio Abramo	Hebe de Carvalho	Nelson Nóbrega	Waldemar Belisário
Clóvis Graciano	Hilde Weber	Noêmia Mourão	Yolanda Mohalyi e
Danilo Di Prete	Jesekiel David Kirszenbaum	Oscar Campiglia	Yoshiya Takaoka

Lívio Abramo

Além da exposição inaugural da Galeria Domus e da exposição em prol da revista *Artes Plásticas*, Lívio Abramo retornou, de 23 a 31 de julho de 1951, para uma exposição de despedida, com uma série de desenhos e aquarelas, seguindo depois para a Europa, graças ao prêmio Viagem ao Estrangeiro do Salão Nacional. Mais conhecidas, suas gravuras foram reservadas para a 1ª Bienal, da qual participou como artista convidado. A exposição da Domus ensejava a apreciação de obras que representavam, segundo a crítica de *O Estado de S. Paulo* (29 de julho de 1951), “uma espécie de repouso, uma distensão da concentração criadora, que o esforço consciencioso de gravar exige dele”.

Negra, 1951

Xilogravura sobre papel-arroz



Sérgio Milliet

Um crítico ao lado de seus criticados. Essa era a novidade da exposição aberta na Domus em janeiro de 1948, com obras de Alfredo Volpi, Mário Zanini, Rebolo Gonsales e Sérgio Milliet. Este não se alinhava nas paredes da galeria em competição com artistas de carreira, que ele mesmo vinha acompanhando e avaliando com atenção. Apresentava-se como um amador, quase como um discípulo – o que realmente era quando se dispôs a pintar, por volta de 1940, em Campos do Jordão, início de sua amizade com Rebolo.

Jogo, 1949

Óleo sobre tela



Roger van Rogger

Fazia parte do grupo de artistas exilados pela Segunda Guerra, tendo escolhido como destino provisório o Brasil. Para ele, esse exílio prolongou-se por sete anos, de 1943 a 1950. Luís Martins (*Diário de São Paulo*, 14 de maio de 1947) via “no fundo de suas telas, como permanência atávica, o tom misterioso, o espírito, a austeridade antiga dos melhores séculos da pintura flamenga e holandesa”.



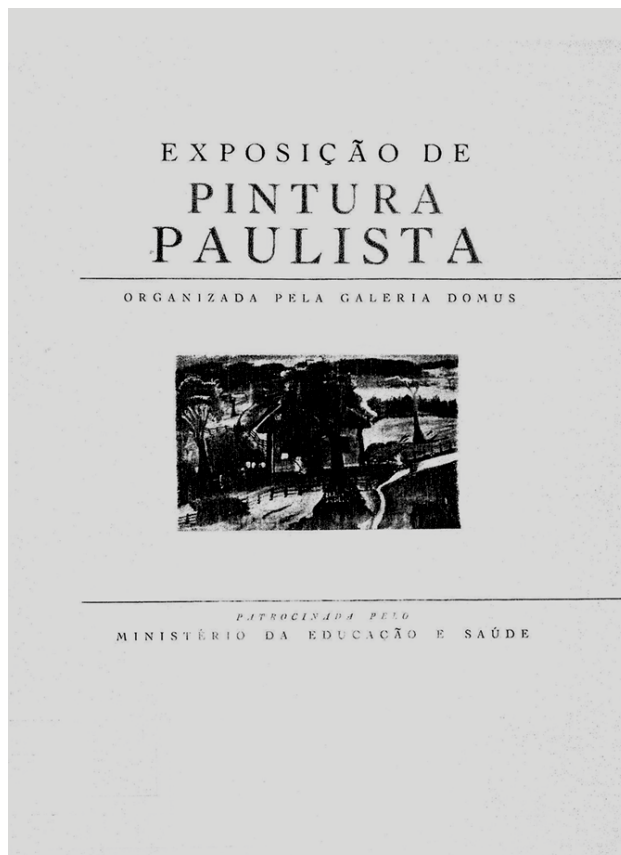
Sem título, 1947

Óleo sobre tela

exposição de pintura paulista

Rio de Janeiro, 1 a 15 de junho de 1949

Aldo Bonadei
Alfredo Volpi
Clóvis Graciano
Emiliano Di Cavalcanti
Flávio de Carvalho
Francisco Rebolo Gonsales
Fúlvio Pennacchi
José Antônio da Silva
Lúcia Suané
Lucy Citti Ferreira
Mário Zanini
Mick Carnicelli
Quirino da Silva e
Yolanda Mohalyi



Reprodução da capa do
catálogo da exposição, com
obra de José Antônio da Silva



Aldo Bonadei

Núcleo, 1945

Óleo sobre tela



Francisco Rebolo Gonsales

Arredores de São Paulo, 1938

Óleo sobre madeira



Mário Zanini

Composição, 1940

Óleo sobre papelão

Lúcia Suané

Quando de sua primeira exposição, em 1946, Lúcia Suané já havia encantado Luís Martins (*Diário de São Paulo*, 3 de abril de 1946): “É bem o engenho, é bem a tristeza das estradas primitivas, é bem a candura das festas populares o que nos mostra em seu caleidoscópio multicolor.” Completava suas impressões dizendo que saía da exposição “como quem bebe um copo d’água pura de fonte na mata” – agradável sensação também provocada nos visitantes de sua exposição na Domus. Ela voltou à galeria para a exposição em prol da revista *Artes Plásticas* e para a *Exposição de pintura paulista* no Rio de Janeiro, em 1949.



Macaco de cheiro, 1946

Têmpera sobre tela colada sobre madeira

José Antônio da Silva

“À Galeria Domus cabe a honra de ter apresentado ao público paulista a maior revelação do ano, José Antônio da Silva” – foi o registro da revista *Artes Plásticas* na resenha do ano de 1948. A galeria passou a representá-lo, conforme contrato celebrado no mesmo ano, e promoveu nova exposição em novembro de 1950. Realmente apostou nele como uma de suas estrelas. Na *Exposição de pintura paulista*, levada ao Rio de Janeiro em 1949, foram apresentadas 63 obras suas.



Jardim Paulista, 1948

Óleo sobre tela

exposição de
**Alfredo Volpi,
Mário Zanini,
Paulo Rossi Osir
e Rebolo Gonsales**

27 de janeiro a 11 de fevereiro de 1950



Mário Zanini

Mulheres numa rua de Mogi das Cruzes, 1938

Óleo sobre tela

Embora não tenham realizado exposições individuais na Domus, Rebolo Gonsales, Mário Zanini e Paulo Rossi Osir sempre estiveram muito ligados à galeria. Os três participaram da coletiva em prol da revista *Artes Plásticas*. Rebolo e Zanini já tinham estado na exposição inaugural e voltariam na *Exposição de pintura paulista*, no Rio. Por duas vezes se apresentaram em grupo: com Volpi e Sérgio Milliet, em janeiro de 1948, e com Volpi e Paulo Rossi Osir, em janeiro de 1950, por iniciativa de Rino Levi, Fúlvio Pennacchi e Carlo Tamagni, com objetivo de abrir subscrições para custear viagem do grupo à Europa (Rebolo desistiu na última hora).

Para Rossi Osir, a viagem não deve ter reservado grandes revelações e nem provocou mudanças. Mas é certo que Zanini e Volpi voltaram diferentes. Zanini iria avançar mais em suas pesquisas em busca de uma composição mais sintética e Volpi assumiria definitivamente nova poética visual, com o tema dos casarios e das fachadas, uma “atitude espiritual e estética” que, segundo Mário Pedrosa, tinha inspiração nos mestres italianos.



Francisco Rebolo Gonsales

Subúrbio de São Paulo (Socorro), 1940

Óleo sobre madeira

Paulo Rossi Osir

De formação europeia em escolas da Itália, Inglaterra e França, Osir teve papel atuante nos movimentos pós-modernistas, como a Sociedade Pró-Arte Moderna e a Família Artística Paulista. Liderou a empresa de azulejaria Osirarte. Na Domus, participou da exposição em prol da revista *Artes Plásticas* e de exposição com Volpi, Zanini e Rebolo destinada a arrecadar fundos para viagem do grupo à Europa.

O intercâmbio teve repercussões favoráveis a mudanças, nos casos de Volpi e Zanini, mas parece não ter afetado Paulo Rossi Osir, preso a uma atitude conservadora em relação às formas de representação – efeito prolongado do “retorno à ordem” sob o qual havia se formado.



Rialto, Veneza, 1950

Óleo sobre tela



**exposições
individuais**

Emídio de Souza

Provavelmente por iniciativa de Volpi, que o conhecia de suas visitas a Itanhaém, aconteceu na Domus a primeira exposição de Emídio de Souza, de 26 de janeiro a 10 de fevereiro de 1949. Depois de José Antônio da Silva, a galeria apostava nessa revelação, cuja autenticidade se manifestava na expressão amorosamente integrada ao seu habitat, a quinhentista cidade do litoral sul de São Paulo, em que a aparente ingenuidade esconde sabedoria no uso das cores e perspectivas diferentes, inovadoras.

Igreja de Itanhaém, 1943
Óleo sobre tela



Raphael Galvez



Sem título, déc. 1940
Óleo sobre tela

Na exposição de Raphael Galvez na Galeria Domus, em março de 1949, sua primeira individual, seus trabalhos foram recebidos com entusiasmo por Osório César (*Folha da Noite*, 30 de março de 1949), tocado pelo “estilo inconfundível” e sobretudo pela qualidade de colorista, que o posicionavam na “vanguarda de São Paulo”. Seu temperamento o conduzia a uma composição de matéria ostensiva, ritmo e cores dinâmicas, perdendo no detalhe, mas ganhando em espontaneidade, e que transcende o detalhe documental para oferecer sua forma de contemplação e apropriação de espaços e cenas da periferia da cidade.

Oswaldo Goeldi

De 1 a 15 de dezembro de 1951, Oswaldo Goeldi fez na Domus sua primeira exposição em São Paulo, e ensejava a apreciação desses trabalhos junto com os apresentados na 1ª Bienal, na qual, como artista convidado, recebeu o Prêmio Nacional de Gravura.

A essa altura, não se podia negar que Goeldi era o mais moderno dos gravadores brasileiros, embora sua aceitação tenha se dado com algum estranhamento, em razão da ascendência artística não devedora dos cânones vigentes por aqui. Com mais de trinta anos dedicados ao ofício, ele havia alcançado, na pequena dimensão e nos recursos limitados da gravura, sínteses visuais, metáforas de grande força dramática.



Peixe vermelho, 1950
Xilogravura em cores

lista de obras



Aldo Bonadei
Paisagem de Itanhaém, 1943
Óleo sobre tela
46 x 56,2 cm

Aldo Bonadei
Núcleo, 1945
Óleo sobre tela
48,5 x 69,2 cm



Alfredo Volpi
Mulata, 1927
Óleo sobre tela colada sobre madeira
59 x 48,6 cm

Alfredo Volpi
Marinha (Santos), 1926-27
Óleo sobre tela
25,8 x 43,7 cm

Alfredo Volpi
Mogi das Cruzes, 1932-33
Óleo sobre papelão
29,1 x 34,6 cm

Alfredo Volpi
Paisagem com vacas, 1932-33
Óleo sobre papelão
25,3 x 32,6 cm

Alfredo Volpi
Pescadores, 1939-40
Óleo sobre papelão
31,3 x 44,4 cm



Bruno Giorgi
Cabeça de Volpi, 1942
Bronze
34 x 21,3 x 27 cm

Clóvis Graciano
Durval, 1943
Guache sobre papel
31,2 x 21,1 cm



Clóvis Graciano
Paisagem, 1944
Óleo sobre tela
52 x 63 cm



Emídio de Souza
Procissão, c. 1940
Óleo sobre folha de flandres
32,5 x 46,5 cm

Emídio de Souza
Praia de Itanhaém, 1942
Aquarela sobre papel
23,5 x 37 cm

Emídio de Souza
Igreja de Itanhaém, 1943
Óleo sobre tela
28,4 x 42,3 cm

Emiliano Di Cavalcanti
Vaso de flores, 1929
Óleo sobre tela
63,5 x 48,8 cm

Emiliano Di Cavalcanti
Casa de caboclo, 1930
Óleo sobre tela colada sobre papelão
33 x 40,8 cm



Emiliano Di Cavalcanti
Peixe na praia, 1933
Óleo sobre madeira
39 x 46 cm



Francisco Rebolo Gonsales
Canindé, 1937
Óleo sobre papelão
37,7 x 27 cm

Francisco Rebolo Gonsales
Arredores de São Paulo, 1938
Óleo sobre madeira
31,2 x 40,3 cm

Francisco Rebolo Gonsales
Subúrbio de São Paulo (Socorro), 1938
Óleo sobre madeira
32,1 x 42,5 cm

José Antônio da Silva
Jardim Paulista, 1948
Óleo sobre tela
33,7 x 44,2 cm



José Antônio da Silva
Procissão, 1948
Óleo sobre tela
34,5 x 44,4 cm



Lívio Abramo
Itapeperica, 1937
Xilografia sobre papel-arroz
21,6 x 19,6 cm

Lívio Abramo
Três mulheres em desespero, 1940
Xilografia sobre papel-arroz
23,2 x 28 cm

Lívio Abramo
Negra, 1951
Xilografia sobre papel-arroz
20 x 25 cm



Lúcia Suané
Macaco de cheiro, 1946
Têmpera sobre tela colada sobre madeira
51 x 65,2 cm



Mário Zanini
Rua de Angra dos Reis, 1940
Óleo sobre tela
60 x 44 cm

Mário Zanini
Composição, 1940
Óleo sobre papelão
23,6 x 31,1 cm

Mário Zanini
Mulheres numa rua de Mogi das Cruzes, 1938
Óleo sobre tela
49 x 64,5 cm

Mário Zanini
Trecho de Lericí, 1950
Óleo sobre tela
59,8 x 45 cm

Mick Carnicelli
Autorretrato, 1944
Óleo sobre tela
60,3 x 49,8 cm



Mick Carnicelli
Sem título, s.d.
Óleo sobre aglomerado
97 x 77,3 cm

Oswaldo Goeldi
Humilhados e ofendidos – Dostoiévski, s.d.
Xilogravura sobre papel-arroz
9,1 x 13,7 cm

Oswaldo Goeldi
Humilhados e ofendidos – Dostoiévski, s.d.
Xilogravura sobre papel
18 x 12 cm



Oswaldo Goeldi
Tubarão, 1945
Xilogravura sobre papel
24,5 x 31,2 cm

Oswaldo Goeldi
Sem título (*Pescador*), s.d.
Xilogravura sobre papel
21 x 26,5 cm

Oswaldo Goeldi
Peixe vermelho, 1950
Xilogravura em cores sobre papel-arroz
20,7 x 27,5 cm



Paulo Rossi Osir
Praia Grande, Vila Atlântica, 1948
Óleo sobre tela
45 x 54,4 cm

Paulo Rossi Osir
Rialto, Veneza, 1950
Óleo sobre tela
47,1 x 62,4 cm



Raphael Galvez
A gorda sentada, 1946
Crayon sobre papel
48,1 x 34 cm

Raphael Galvez
Sem título, déc. 1940
Óleo sobre tela
32,7 x 45,7 cm

Roger van Rogger
Sem título, 1947
Óleo sobre tela
80 x 65 cm



Roger van Rogger
The beach, 1947
Guache sobre papel colado sobre cartão
34 x 24,5 cm



Sérgio Milliet
Jogo, 1949
Óleo sobre tela
35,5 x 44,4 cm



Tarsila do Amaral
Paisagem, 1948
Óleo sobre papel sobre papelão
26,5 x 35,3 cm



Victor Brecheret
Onça, 1930
Granito
56,4 x 115,5 x 25 cm

educativo

No MAM Educativo, chamamos de experiências poéticas os momentos em que propomos atividades artísticas que estimulam a criação de um museu – e um mundo – de outras percepções. A seguir, sugerimos três experiências poéticas inspiradas na exposição *Arte moderna na metrópole: 1947-1951 – Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo*.

Mundo geométrico

Materiais:

- Tela ou papel
- Tinta guache, tinta acrílica, tinta a óleo ou giz pastel
- Pincéis

Quando observamos uma pessoa, um lugar ou um objeto, nem sempre prestamos atenção às suas formas geométricas, mas elas estão lá. Alguns artistas, como Clóvis Graciano e Sérgio Milliet, depois de um tempo pintando as coisas como as vemos, perceberam que tudo pode ser decomposto em formas básicas, como o quadrado, o círculo e o triângulo.

Imagine o seu corpo em formas geométricas: seu braço é um cilindro; seu tronco, um trapézio; as pernas são retângulos; a cabeça, um círculo; o quadril é um triângulo e assim por diante. A mesma proposta pode ser feita com objetos que estejam diante de você, como uma cadeira, ou com ambientes e paisagens, como a cidade, uma praia ou o seu quarto.



Clóvis Graciano
Durval, 1943
Guache sobre papel



Sérgio Milliet
Jogo, 1949
Óleo sobre tela

Para isso você precisa abstrair, ou seja, separar e retirar algumas informações da imagem com a qual escolher trabalhar até restarem somente as formas geométricas.

Agora, é só pintar!

Traços mistos

Materiais:

- Papel canson
- Pincéis grosso e fino
- Tinta guache

Você já pensou em misturar pintura com desenho? Nesta obra de Alfredo Volpi temos a sensação de que, depois de ter pintado a praia, o mar e o barco, ele decidiu desenhar os pescadores por cima da pintura. Esses pescadores têm destaque na cena, pois seus traços são muito diferentes do restante da pintura.

Vamos experimentar fazer uma pintura com desenho? Podemos fazer isso utilizando um pincel para traços finos, como uma escrita, junto com outro, para pinceladas mais largas e grossas.

Escolha a cena ou a paisagem que você vai retratar, sente-se confortavelmente diante dela e, antes de começar, escolha o que será pintura e o que será desenho. Comece pela pintura, utilizando apenas o pincel mais grosso. Quando acabar, acrescente elementos que serão desenhados somente com o pincel mais fino.



MAM Educativo



Alfredo Volpi
Pescadores, 1939-40
Óleo sobre papelão

Isogravura

Materiais:

- Bandeja de isopor
- Tesoura
- Rolinho de espuma
- Tinta guache
- Papel
- Caneta esferográfica

Você sabe o que é uma gravura? Desde o início da humanidade as pessoas fazem gravações – marcam seus nomes e suas histórias em árvores, pedras, no chão e nas paredes. Elas só precisavam de algum objeto afiado para escavar essas superfícies.

Mas como levar os desenhos para outras pessoas verem, se estes ficavam fixos no mesmo local? O desenho já existia gravado na pedra, mas a gravura ainda não existia. Para te contar qual foi a solução encontrada, vamos falar sobre a obra de Oswaldo Goeldi, que adorava trabalhar com a xilogravura.

Para fazer uma xilogravura, Goeldi escolhia um pedaço de madeira e um conjunto específico de facas, chamadas de goivas. Ele desenhava escavando na madeira e, quando terminava, tinha uma base de madeira com um desenho gravado, mas ainda nenhuma gravura.

Para a gravura aparecer, ele precisava passar tinta com um rolinho na base de madeira gravada e carimbá-la em um papel. E então lá estava a gravura, que Goeldi podia imprimir quantas vezes quisesse. Ele podia também mudar a cor de suas impressões, bastando



Oswaldo Goeldi
Tubarão, 1945
Xilogravura sobre papel

limpar a madeira e passar o rolinho com outra tinta.

A gravura é essa imagem impressa que pode ser reproduzida muitas vezes. Existem muitos tipos delas:

- Xilogravura: gravura em madeira
- Calcogravura: gravura em metal
- Litogravura: gravura na pedra
- Linoleogravura: gravura no linóleo (placa de borracha)
- Serigrafia: gravura em tela
- Monotipia: gravura única
- Isogravura: gravura no isopor

Para fazer nossa gravura, vamos precisar de um material de fácil acesso: o isopor. Você pode utilizar uma daquelas bandejas de isopor que vêm do mercado com frios, legumes ou frutas. Lave-a e seque bem. Se sua bandeja tiver bordas, corte-as com uma tesoura, pois queremos apenas o fundo da bandeja.

Para escavar sua matriz, a bandeja de isopor, vamos utilizar uma simples caneta esferográfica. Você pode empregar qualquer extremidade da caneta, seja a tampa, a ponta com que escrevemos ou a parte de trás. O que queremos é marcar a bandeja com o desenho, a tinta da caneta não é importante.

Agora, é só passar a tinta guache delicadamente com o rolinho de espuma. O segredo é: aplicar pouca tinta e não pressionar o rolinho na matriz. Se colocamos muita tinta ou apertamos muito o rolinho, a tinta pode penetrar nos sulcos do desenho e a gravura não sairá.

O próximo passo é colocar uma folha de papel em cima da matriz entintada. Pressione-a levemente com as mãos, fazendo círculos, para a tinta aderir à folha.

Em seguida, levante-a de uma vez e pronto: sua gravura estará pronta!

Observe como ela ficou: muita tinta, pouca, traços bem nítidos ou um pouco borrados? O importante é analisar o resultado e se você gosta dele, se ficou interessante, mesmo que não tenha saído como esperado. Cada detalhe da imagem vai te dizer algo do trabalho realizado.

Você poderá entintar e imprimir a gravura mais algumas vezes, sempre com muita delicadeza, pois a vida útil da matriz de isopor é bem curta.



Exposição

REALIZAÇÃO

Instituto CPFL
Museu de Arte Moderna de São Paulo

CURADORIA

José Armando Pereira da Silva

PRODUÇÃO

Museu de Arte Moderna de São Paulo

PROJETO EXPOGRÁFICO E ILUMINAÇÃO

Pavão Arquitetura e Expografia

DESIGN VISUAL

Zol Design

CONSERVAÇÃO

Acervo MAM-SP

MONTAGEM

Manuseio

TRANSPORTE

ArtQuality

TRADUÇÃO PARA O INGLÊS

Lynne Raye-Pereira

ASSESSORIA DE IMPRENSA

A4&Holofote

EDUCATIVO

Museu de Arte Moderna de São Paulo
(coordenação)

PATROCÍNIO



MANTENEDORES



instituto VOTORANTIM



Platina

PwC
Rede D'or

Ouro

Banco Safra
Banco Votorantim
BMA Advogados
Carrefour
Cescon Barriue
Concremat

CPFL
Credit Suisse
Dexco
EMS
Garde Asset
Grupo Ultra
KPMG
Leo Madeiras e Leo Social
Lojas Renner S.A.
Marsh McLennan
Montana Química
Pinheiro Neto Advogados
TozziniFreire Advogados
Verde Asset Management
Vivo

Prata

Bloomberg Philanthropies
Grupo Comporte e Mobifácil
Guelt
ICTS
Turim MFO

Parcerias Institucionais

África
Aliança Francesa
BMA
BMI
Canson
Centro Universitário Belas Artes de São Paulo
Cinema Belas Artes
Cultura e Mercado
DoubleTree by Hilton
FIAP
Gomide & Co
Gusmão & Labrunie Propriedade Intelectual
Hugo Boss

ICIB – Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro
Mercure Hotéis
Neovia
Saint Paul Escola de Negócios
Senac

Parcerias de Mídia

Arte!Brasileiros
Arte que Acontece
Canal Arte 1
Eletromídia – Elemídia
Folha de S.Paulo
Inner Editora
JCDecaux
Piauí
Quatro Cinco Um

Player oficial

Spotify

Programas educativos

CONTATOS COM A ARTE

Dow
Grupo Ultra
Instituto Votorantim

DOMINGO MAM

TozziniFreire Advogados

IGUAL DIFERENTE

Banco Votorantim
Carrefour
Dow
Instituto Votorantim
Rede D'or

PROGRAMA DE VISITAÇÃO

Pinheiro Neto Advogados

MARCENARIA NO MAM

Leo Madeiras e Leo Social

ARTE E ECOLOGIA

Unipar

FAMÍLIA MAM

AGRADECIMENTOS

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Instituto Alfredo Volpi de Arte Moderna, Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo

Catálogo

REALIZAÇÃO

Museu de Arte Moderna de São Paulo

DESIGN GRÁFICO

Zol Design

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Joana Tuttoilmondo
Renato Schreiner Salem

REVISÃO E PREPARAÇÃO

Laura Moreira

TRADUÇÃO PARA O INGLÊS

Lynne Reay-Pereira

TEXTOS

José Armando Pereira da Silva
e Educativo MAM-SP

FOTOS

© Di Cavalcanti/ AUTVIS, Brasil, 2022 (p. 13)
Eduardo Ortega (p. 21)
Jorge Bastos (p. 27, 32)
Karina Bacci (p. 13, 22, 28, 29)
Renato Parada (p. 15, 28, 29)
Romulo Fialdini (p. 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19,
21, 22, 23, 24, 26, 28, 29, 30, 31)

IMPRESSÃO E TRATAMENTO DE IMAGENS

Digital Printz

TIRAGEM

200 exemplares

The logo for 'mam' consists of the lowercase letters 'mam' in a bold, sans-serif font. The 'm' is black, and the 'a' is red.

O MAM fica no parque Ibirapuera, portão 3,
São Paulo, SP | + 55 11 5085 1300
www.mam.org.br | /mamoficial

The logo for 'instituto cpfl' features a stylized, multi-colored graphic of a fan or a set of curved lines in shades of blue, green, and red, positioned above the text 'instituto cpfl' in a lowercase, sans-serif font.

O Instituto CPFL fica na Rua Jorge
Figueiredo, 1632, Campinas, SP
+ 55 19 3756 8000 | www.institutocpfl.org.br

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO.

Arte moderna na metrópole 1947-1951: Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo ; José Armando Pereira da Silva (curadoria e texto) ; Educativo MAM (texto) ; Elizabeth Machado (apresentação) ; Laura Moreira (revisão) ; Zol Design (design gráfico) ; Joana Tuttoilmondo e Renato Schreiner Salem (coordenação editorial) ; Lynne Reay-Pereira (tradução).

São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2022.

36 p : il.

Texto em Português e Inglês.

Exposição apresentada na Galeria de Arte – Instituto CPFL Cultura, Campinas, SP, de 13 de setembro a 10 de dezembro de 2022.

1. Museu de Arte Moderna de São Paulo – Coleção. 2.

Arte Contemporânea séculos XX e XXI - Brasil. 3. Instituto CPFL Cultura I.

Título. II. Silva, José Armando Pereira da.

CDU: 7.036(81)

CDD: 709.81

selo FSC: gráfica, remover o box
e aplicar o selo nesta área



O Museu de Arte Moderna de São Paulo está à disposição das pessoas que eventualmente queiram se manifestar a respeito de licença de uso de imagens e/ou de textos reproduzidos neste material, tendo em vista que determinados artistas e/ou representantes legais não responderam às solicitações ou não foram identificados ou localizados.

